



# SOLIDARIEDADE IMIGRANTE

MAIO/JUNHO 2007 PREÇO: UMA MOEDA Nº 23

# NINGUÉM É ILEGAL!

A nova Lei de Imigração  
A Cimeira Europa-África





**Boletim Informativo  
da SOLIM - Associação  
para a Defesa dos  
Direitos dos Imigrantes**

#### **REDACÇÃO**

Jorge Silva  
Lay Korobo

#### **COLABORAM**

António Barata  
Dom Lay  
GT ConTactoCultural/  
SOLIM

GT DHA - Direito  
à Habitação/SOLIM  
Inácio M. Francisco  
Ivo Katana  
Jorge Silva  
Slavomir Mrozech  
SOLIM, Direcção  
Valentim V. Cardoso

#### **SEDE**

R. da Madalena, 8 - 2º  
1100-321 LISBOA  
Telef.: 21 887 07 13  
Fax: 21 887 07 13  
E-mail: solidariedade\_  
imigrante@hotmail.com

Este boletim está aberto e deseja a colaboração e participação dos seus leitores. Envia-nos as tuas colaborações. Critica e sugere. Comenta e dá a tua opinião sobre o boletim e o que te preocupa. Denúncia as violações aos direitos e à dignidade humana.

## **EDITORIAL**

### **Cimeira União Europeia - África**

Todas as vozes manifestam esperar que a 2ª Cimeira União Europeia - África, sob a presidência portuguesa da UE, seja bem preparada e tenha resultados positivos e duradouros.

Nós também.

África, há muito que está fora da agenda europeia. A 1ª Cimeira foi há 7 anos, no Cairo, que de positivo nada teve. Apesar da evolução tecnológica que o mundo registou, o desequilíbrio destes dois mundos é maior.



O Ocidente, e em particular a Europa, sempre tiveram um olhar colonialista / neocolonialista sobre a África, optando por uma caridade institucionalizada que, nada solucionando, mantinha a dependência dos estados africanos, permitia a exploração económica e uma relação comercial injusta. Em troca, em nome dos interesses dos estados, acobertava ditaduras sanguinárias, alimentava guerras, calava violações dos direitos humanos. Em muitos casos ainda assim acontece.

Insensível ao drama de África (que remonta ao tempo do tráfico negroiro) – fome, analfabetismo, doenças, corrupção, tiranias, deslocados... – a Europa parece finalmente preocupar-se com este continente, quando milhares de deslocados cruzam as suas fronteiras, e num momento em que se encontra em crise. Mais que a vontade de ajudar, impõe-se a necessidade de condicionar tais fluxos migratórios. Contudo, a Europa está em dívida para com África e que não se pode descartar desse dever. Se tal acontecer os povos em vias de desenvolvimento saberão responsabilizá-la e encontrarão meios e formas de resgatar o que lhes é legítimo.

O êxito da cimeira, depende sobretudo da alteração da postura com que se vai sentar para conversar e dos interesses a defender. Ou se defendem um mundo mais equilibrado e justo, ou se defendem os interesses do grande capital.

Vale a pena exigirmos que se defenda um mundo melhor, porque isso é possível!

*Jorge Silva*

***Somos uma associação de defesa dos direitos dos imigrantes, de âmbito nacional e sem fins lucrativos. Estamos envolvidos em várias parcerias, com outras organizações e instituições mais ou menos informais.***

***Queremos dar a palavra aos imigrantes – uma palavra autónoma e independente, para que sejamos os verdadeiros protagonistas na defesa dos nossos interesses; para que todos possamos exercer os nossos direitos de cidadania, independentemente do país de origem, da religião, da etnia e do sexo, através da luta por direitos iguais.***

***A nossa associação é uma organização de luta e pressão. Apostamos na solidariedade entre os trabalhadores estrangeiros e portugueses na defesa dos nossos interesses comuns.***

# A IMIGRAÇÃO, EM SI, NÃO É UM PROBLEMA

## O problema está na exploração das pessoas imigrantes

**A propósito da já falida política de quotas incluídas na nova lei, rebaptizada de Contingentação Geral de Oportunidades de Emprego**

Será que os patrões sem escrúpulos, os grandes grupos económicos e financeiros que tiram os maiores dividendos da situação de fragilidade dos seres humanos, se importam que as pessoas circulem livremente sem estatuto legal, aprisionadas pelo tráfico humano? Não nos parece, desde que isso garanta maior degradação dos direitos laborais, espezinhamento da dignidade de quem trabalha, maior produção de riqueza para o bem-estar da sociedade e enriquecimento da minoria privilegiada detentora do poder económico.

Quanta mais mão-de-obra precária estiver disponível mais se pode fazer baixar os salários, e mais desejados são os imigrantes, se precários. E, deste ponto de vista, não nos surpreende que as confederações patronais apontem para números mais elevados que os do governo quando elaboram os famosos relatórios de necessidades de mão-de-obra. O patronado sabe que, tal como estão as coisas, mão-de-obra imigrante mesmo que legalizada, é mão-de-obra facilmente descartável.

É um erro pensar que os governos têm assumido as necessidades de mão-de-obra do país como critério para atribuição de vistos de trabalho. Tanto não foi assim, que grande parte dos trabalhadores imigrantes a residir legalmente no nosso país obtiveram, e continuarão a obter, o seu estatuto legal através de processos de regularização extraordinária e de vistos de permanência e de residência.

As autoridades europeias dizem-nos que a Europa deverá reconhecer que precisa dos imigrantes mas que, “adverte”, não serão os 22 milhões apontados no relatório da ONU. A

questão das necessidades de mão-de-obra, quando assumida sem hipocrisia, não é um argumento menos importante: é que a valorização e o reconhecimento do trabalho dos imigrantes, se realmente existisse, não permitiria tantos atropelos aos direitos humanos. No fundo, não lhes interessa estruturar o acolhimento dos imigrantes em função da garantia de acesso aos direitos sociais, porque essa garantia só aumentaria as despesas sociais, que estão a ser cortadas mesmo para os nacionais. Um recente relatório da OCDE aponta: “Ao mesmo tempo que as quotas estabelecidas pelo Governo para a entrada de imigrantes ficam por preencher, os trabalhadores ilegais continuam a entrar no mercado de trabalho português”.

Não se pode falar seriamente de uma nova geração de políticas migratórias e enterrar a cabeça na areia, como se as pessoas não existissem, fingindo não ver esta realidade incontornável. Nem se venha agitar o fantasma de “mais um processo

extraordinário de legalização”, utilizado pela direita para manter esta reserva de mão-de-obra super explorada.

No entanto, o pior é que o governo passa ao lado do essencial: a existência de mais de 150 mil imigrantes até hoje mantidos em situação ilegal, por vezes em condições próximas da escravatura, à mercê das máfias que alimentam parte dos reconhecidos 23% da economia informal.

Portugal precisa é de um processo de regularização permanente, sempre em aberto, de concessão de vistos de residência para o exercício de actividade profissional (subordinada ou não) a todos os imigrantes que aqui vivem e trabalham. Além de outros efeitos sociais positivos, esta medida pode reduzir drasticamente a procura de trabalho ilegal por parte de quem faz da fuga ao fisco e à segurança social um modo de vida. Assim haja coragem de afrontar os interesses mafiosos e de emancipar as suas vítimas!

**A direcção da Associação  
Solidariedade Imigrante }**



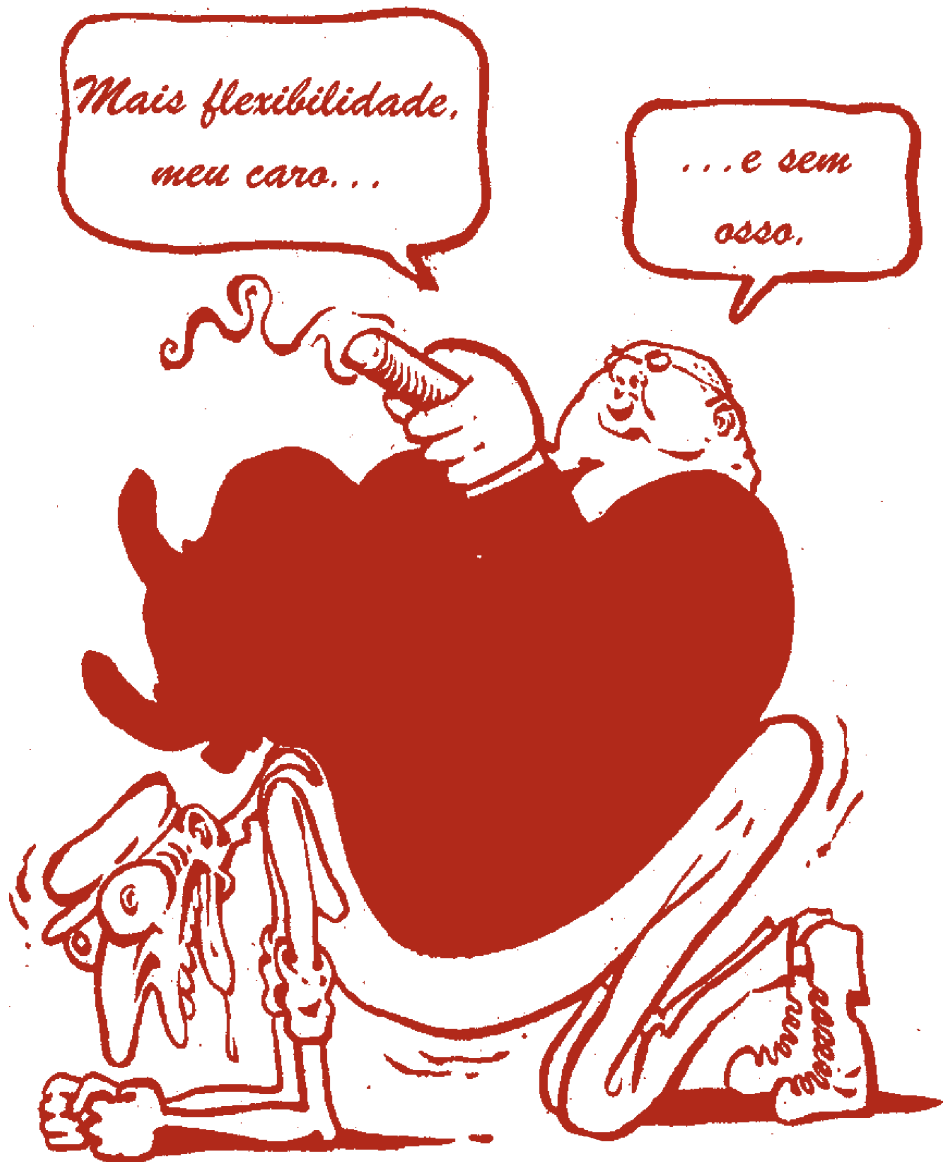
## GREVE GERAL

# Toda a luta com todos na luta!

30 de Maio foi dia de greve geral nacional. Um dia de protesto contra as políticas do actual governo, que penalizam os trabalhadores e a maioria da população e beneficiam a minoria rica, aumentando o fosso entre ricos e pobres.

A maioria da população vê diminuir constantemente o seu poder de compra e os salários, enquanto os dos gestores das grandes empresas triplicam. Os lucros da banca aumentam todos os anos, a fuga dos ricos aos impostos continua, e os mais pobres sofrem cada vez mais penalizações, sendo obrigados a pagar a crise que o país atravessa. O desemprego cresce e a precariedade alastra. As protecções sociais são cada vez mais reduzidas. Aos desempregados já só lhes falta a obrigatoriedade do uso de uma pulseira electrónica, e a reforma já só é possível no limite da vida, depois de se ter trabalhado mais para mais se descontar e menos se receber de pensão de reforma. Paralelamente a isso, encerram-se escolas, centros de saúde, maternidades, serviços de urgência, postos de correios. Agravam-se e introduzem-se novas taxas moderadoras (leiam-se impostos). Na sociedade e nos cidadãos instala-se o medo e a precariedade das vidas é apresentada como uma fatalidade da qual não se pode fugir. É o resultado das políticas neo-liberais e da sua flexisegurança, que dá aos patrões um poder ilimitado e transforma os trabalhadores em flexiescravos.

Neste retrato, os imigrantes encontram-se num plano inferior. Mais fragilizados e em maior precariedade, pela condição de cidadãos estrangeiros, muitos deles em situação irregular, a mercê de máfias e da exploração desenfreada de patrões sem escrúpulos. Ao que parece, o governo prefere o convívio com estes (máfias e patrões sem escrúpulos), ao convívio com imigrantes em situação regular, com direitos e deveres que não só os de



trabalhar, mas também os de exercer cidadania. Por isso, a luta dos trabalhadores portugueses, toda essa luta na greve geral e em todas as lutas a

travar, são também as nossas lutas. Somos todos parte da mesma face da moeda – o rosto dos explorados que se juntam todos na mesma luta.

*Jorge Silva*

## **NOITE DE CONTOS E MÁSCARAS**

**30 JUNHO - 19,30 HORAS**

**Associação Solidariedade Imigrante (SOLIM)**

**Junta-te ao círculo, escuta o conto e conta o teu.  
Convívio, oficina de máscaras, comida do Leste...**

**Organização: GT Espaço Intercultural da SOLIM**

# HABITAÇÃO

## Famílias ciganas desalojadas no Porto

No passado mês de Março, a Câmara Municipal do Porto (CMP), indeferiu a providência cautelar entregue pela Plataforma Artigo 65 ao Tribunal Administrativo e Fiscal do Porto, ordenando o despejo das 16 famílias ciganas que vivem há cerca de vinte anos em barracas, no Freixo.

Mais uma vez, à semelhança do que aconteceu a outras famílias de origem estrangeira que habitavam em barracas – na área metropolitana de Lisboa – as autoridades, numa atitude de prepotência, arrogância e xenofobia, deixaram homens, mulheres, crianças e velhos, sem tecto.

No caso de Freixo, recorde-se que uma delegação dos moradores, em conjunto com os activistas do SOS Racismo e do Grupo Direito a Habitação (DAH) da Solidariedade Imigrante, foi à Câmara do Porto apresentar uma solução alternativa ao despejo de cerca da meia centena de pessoas que constituem os referidos agregados familiares.

O executivo, liderado por Rui Rio, recusou qualquer reunião apesar da

onda de Solidariedade e da manifestação de protesto que se organizou no local, que não impediu as máquinas, acompanhadas por um forte aparato policial, de deitar abaixo as barracas.

No entanto, avançou com a proposta de proceder aos despejos o mais rapidamente possível, colocando as famílias em pensões pagas pela segurança social, durante 60 dias. Passado este prazo, Rui Rio garantiu que a CMP forneceria habitações “a quem realmente merece e precisa”, porque “muitos deles são nómadas”. Esta proposta não agradou aos moradores, que têm contado com o apoio da Plataforma Artigo 65º, do SOS Racismo, do DAH, do Bloco de Esquerda, do Presidente da Junta de Freguesia da Campanhã e de um assistente social desta freguesia. Para as associações presentes, a estratégia de Rui Rio é “dividir as famílias, espalhando-as por diversas pensões”, para assim “perderem capacidade organizativa e reivindicativa”. Por outro lado, a CMP recusa-se a garantir

alternativas habitacionais para todos passados os dois meses de estadia em pensões.

A decisão de desalojar estas famílias baseia-se nas conclusões de uma vistoria realizada no bairro, em Agosto de 2006, pelos técnicos de Departamento de Salubridade da CM, que alegam o interesse público, dado que a falta de condição de habitabilidade e salubridade das barracas põem em perigo a saúde pública, a integridade física e a saúde das famílias e transeuntes. Contrariamente a esta argumentação, os moradores e as associações souberam que os despejos prendem-se, fundamentalmente, com a conversão do Palácio do Freixo (há cerca de 100 metros do local), num Hotel de Luxo, do grupo Pestana, cuja vista ficaria prejudicada com a presença de um acampamento de ciganos.

Para satisfazer os caprichos de um grupo económico, sacrificam-se famílias sem poder de se defenderem, isto numa altura em que se fala de igualdade de direitos e oportunidades.

LK





# ACONTECEU... NO PAÍS REAL!

## “Bater nos Pretos”

A KHAPAZ - Associação de Jovens Afro-descendentes denunciou em comunicado o clima de intimidação e violência policial existente nos bairros da Boa Hora e do Cabral, na Arrentela. Começando por lembrar os vários relatórios nacionais e estrangeiros que referem o elevado número de mortes acidentais perpetradas por agentes policiais em Portugal – o mais elevado da Europa dos 25 – e que Marc Leyenberger na apresentação do último relatório da ECRI (Comissão Europeia Contra o Racismo e a Intolerância) realçou que Portugal ainda não ratificou o protocolo nº12 à convenção Europeia dos Direitos Humanos, que proíbe toda e qualquer tipo de discriminação. A Khapaz condena a actuação da PSP do Seixal, dando conta da “conduta agressiva e racista” desta força policial, que desrespeita os direitos dos cidadãos, principalmente os de origem africana ou de quem não o sendo, com eles se relaciona. Refere que desde o início do ano se tem vindo a verificar um aumento de casos do abuso de autoridade e brutalidade policial, com agressões à bastonada, à coronhada, realização de rusgas sem mandato judicial, havendo igualmente vários jovens atingidos com balas de borracha. Tudo isto acompanhado de insultos e ameaças aos jovens brancos amigos de negros, do tipo: “até me metes nojo! Um branco com mentalidade de preto. Devia era metralhar-vos a todos!”

No dia 19 de Fevereiro, depois da festa de Carnaval organizada pela associação, pelas 22 horas, alguns jovens ouviram um agente dizer que estavam à espera da ordem para “bater nos pretos”. E a verdade é que passado algum tempo começaram as agressões indiscriminadas, acompanhadas de ameaças aos moradores para que fossem para dentro e fechassem as janelas.

Por tudo isso, e à semelhança de

outros bairros também chamados de problemáticos, vive-se um clima de terror social nestes bairros da margem sul do Tejo. Um clima que contrasta com a “notável paz social” e “ausência de crises graves de xenofobia, racismo”, referida no boletim BI nº47, do ACIME, pelo Alto-Comissário. Será que crise grave, talvez só quando acontecer a alguém o mesmo que a Alcindo Monteiro, assassinado no Bairro Alto por *skin heads*, acto que chocou os portugueses e contrariou os tão



apregoados brandos costumes?

Marc Leyenberger, no seu relatório refere que “globalmente Portugal não é um país racista, mas existe um ambiente perigoso”.

SÓ NÓS SABEMOS QUANTO, afirma a Khapaz.

## “Fui espancado na Praça de Alegria”

Chamo-me Valentim Vieira Cardoso, originário de Cabo-Verde. Vim a Portugal com uma bolsa de estudo que tive de interromper devido a dificuldades de ordem económica. No dia 16 de Maio fui ao Centro Nacional de Apoio ao Imigrante tratar de assuntos relativos à minha situação documental, por estar em situação irregular desde que o meu Visto de Estudo caducou, em Novembro de 2004. Na sequência do qual tinha feito pedido de Autorização de Permanência, apresentando Contrato de Trabalho, no entanto deferido pelo SEF, que me notificou para abandonar o território nacional, uma vez que já não estava a estudar.

Toda essa situação me causou uma acentuada depressão. Nesse dia, à tarde, dirigi-me à Igreja de S. Domingos, perto de Rossio, para rezar a fim de poder ver resolvida a minha situação.

Depois de algum tempo de recolhimento neste local de culto, apareceu um funcionário que me ordenou para abandonar o local. Respondi-lhe que estava na casa de Deus, e este não podia tirar-me fora dali, de qualquer maneira.

Esse senhor chamou dois polícias, que vieram, prenderam-me e conduziram-me, primeiramente, à esquadra de PSP do Rossio, depois, à Divisão da Praça de Alegria, onde fui algemado e espancado pelo agente Nelson Filipe Antunes e outros colegas, e fiquei retido ali até às 18 horas. Depois soltaram-me com a ameaça de que se eu não abandonar o país, na próxima vez será pior.

Não cometi nenhum crime. O facto de me encontrar em situação irregular não justifica ser assim tratado, sobretudo num Estado de direito, como Portugal.

**Valentim Vieira Cardoso**

# ConTactoCultural nos Anjos

Após dois anos de trabalho conjunto com jovens de três Concelhos da área metropolitana de Lisboa (Arrentela, no Seixal; Ourela-Portela, em Oeiras e Trajouce, em Cascais), o **projecto ConTactoCultural** surge agora com uma nova dinâmica no Centro de Lisboa (na área circundante da Almirante Reis). Destina-se a todos os jovens e terá uma duração aproximada de 3 anos, entre Janeiro de 2007 e Outubro de 2009.

Este projecto aposta nos jovens como principais dinamizadores de iniciativas comunitárias que promovam a comunicação, o encontro e as vivências Interculturais. Neste sentido, abriu no passado mês de Fevereiro o *Espaço ConTacto*, que funciona como um local de encontro e referência para os jovens.

O *Espaço ConTacto* está situado no Parque Desportivo dos Anjos (ao lado da Piscina) e, embora já existisse como centro de Internet, surge agora com

uma nova dinâmica, por um lado, através do alargamento do horário de funcionamento (de 2ª a 6ª feira, entre as 14h e as 21h) e, por outro, pelo leque diversificado de actividades que se pretende implementar, nomeadamente de âmbito Cultural e Artístico, Intercâmbios com jovens de contextos diversificados, Formação de Informática (Office, Internet e Multimédia), e outras actividades do interesse dos jovens.

A inauguração deste espaço foi no dia 16 de Fevereiro, com a realização de uma festa que envolveu 9 jovens na sua organização, responsáveis pela divulgação, decoração, Cocktail, e Djing.

Passados dois meses, já se haviam inscrito no *ConTactoCultural*, 78 crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 30 anos, na sua maioria residentes na Freguesia dos Anjos, mas também nas limítrofes.

Pretende-se que toda a acção do

projecto *ConTactoCultural* seja desenvolvida com os jovens, envolvendo-os em todo o processo de dinamização das actividades, de modo a construir uma autonomia progressiva das suas dinâmicas. Neste sentido, consideramos fundamental o envolvimento de outras instituições locais (nomeadamente Escolas, Clubes Culturais e Desportivos, Espaços Artísticos, entre outros) através de parcerias informais, que permitam potenciar o trabalho em rede e a complementaridade de recursos.

**GT ConTactoCultural**

Realizou-se entre 2 e 5 de Abril de 2007, a **Semana Jovem** no Parque Desportivo dos Anjos, com um programa de actividades diversificado, nas áreas do Desporto e Artes.

## VIDAS por Dom Lay



## BREVES

### **Nacionalistas portugueses contra imigração**

Cerca de uma centena de nacionalistas portugueses manifestaram-se, no primeiro de Maio, em Lisboa. A prometida manifestação pela “dignificação do trabalho nacional”, e engrossada por nazis europeus e americanos, enveredou pelo ataque à imigração, ao governo e ao comunismo. O líder do Partido Nacional Renovador (PNR), José Pinto Coelho, defendeu o “trabalho nacional”, criticando o governo, o PCP e BE.

### **Barroso defende uma só política de imigração na União Europeia**

O presidente da Comissão Europeia defendeu, em Abril, que tem que haver uma única política de imigração na União Europeia (UE): “É um absurdo na UE, onde há livre circulação de pessoas, haver 27 políticas de imigração. Temos de ter uma política de imigração”, declarou Durão Barroso durante a sessão de perguntas sobre a Europa, no Parlamento português. Salientou que as decisões de cada Estado-membro sobre imigração “têm consequências, por vezes perversas” nos restantes Estados-membros.

### **I Encontro de Imigração de Espanha e Portugal**

Nos dias 12 e 13 de Abril realizou-se em Tenerife (Espanha) o **I Encontro de Observatórios das Migrações Internacionais**, uma iniciativa que reuniu quinze estruturas de observação e monitorização da imigração de Espanha e Portugal. Com o objectivo de aprofundar a partilha de experiências e de conhecimentos sobre os fenómenos migratórios foi criada uma Rede de Observatórios de Imigração da Península Ibérica, que conta com a participação do Observatório da Imigração português.

### **Detidos falsificadores de documentos**

A polícia espanhola deteve cinco pessoas acusadas de favorecer a imigração ilegal através da falsificação de documentos de identidade portugueses que eram oferecidos a imigrantes brasileiros. Segundo a polícia, as detenções são o resultado de uma investigação iniciada no dia 27 de Abril, quando agentes especializados interceptaram brasileiros que viajavam num carro, com documentos falsos. Os indivíduos iam para a cidade de Gerona (nordeste de Espanha) solicitar um Número de Identificação de Estrangeiro, em escritórios de atendimento a estrangeiros.

## ANGOLA

### **“ELES PARTIRAM AS CASAS”**

Entre 2002 e 2006, cerca de 20 mil angolanos foram despejados a força em Luanda, as suas habitações destruídas, em muitos casos com os bens lá dentro, com violência sobre os moradores, sem indemnizações nem garantias de realojamento.

O governo justificou-se com projectos de interesse nacional que quer implementar. Sem mais. Não se informa nem se consulta as populações, despeja-se violentamente.

Como noutros Estados africanos, a posse das terras ou da propriedade em Angola passa de geração em geração, na maioria dos casos sem qualquer título formal. A maioria dos habitantes de Luanda (mais de 4 milhões) encontra-se nessa situação, que se foi agravando ao longo dos anos, com a chegada a Luanda dos refugiados da guerra entre MPLA e UNITA. A piorar a situação, a ausência de medidas por parte do governo ou autoridade “régia”, para a regularização da posse das terras e propriedades. Apesar das arbitrariedades, da violência, da violação dos direitos humanos, na sua candidatura ao Conselho de Direitos Humanos da ONU, o governo angolano definiu como prioridade o direito a uma habitação condigna.

Com Portugal prestes a assumir a presidência da UE e a cimeira UE - África que se avizinha, espera-se que o governo Português levante este e outros temas dos direitos humanos, junto dos seus homólogos angolanos.

*Jorge Silva*

De acordo com o Conselho Nacional de Direitos Humanos, um grupo de militares fortemente armado iniciou na manhã de 9 de Junho a demolição das casas que se encontram na Escola Comandante Jika, há muito ocupadas por desalojados de guerra que, através da Comissão de Moradores, tem tentado dialogar com o governo provincial uma contrapartida habitacional.

As casas estão a ser demolidas juntamente com os haveres dos moradores. Sabe-se que algumas delas, que foram cedidas pelo governo para alojar os moradores, estão a ser distribuídas a pessoas estranhas ao bairro, e que há planos para o transformar a zona no maior empreendimento hoteleiro de Angola, senão o maior de África. À cabeça do projecto encontra-se um grupo financeiro liderado por José Leitão, ex-Chefe da Casa Civil do Presidente da República.

O responsável da Comissão de Moradores do Jika foi levado pelos militares, encontrando-se preso nas instalações da Polícia Militar e incomunicável.

*(De um comunicado doCNDH, Angola)*



## Memória do Colonialismo e da Guerra

Dalila Cabrita Mateus  
Mateus, Edições ASA, Lisboa, 2006.



Este é um daqueles livros de leitura obrigatória. Por duas razões: a primeira, por desmontar o mito do colonialismo de brandos costumes dos portugueses e das suas guerras coloniais sem atrocidades nem crimes; a segunda, por documentar e registar uma realidade que os dirigentes das ex-colónias portuguesas querem enterrada, agora que a sua conversão à ordem imperialista os fez renegar os ideais socialistas e de independência nacional que impregnavam a luta dos respectivos movimentos de libertação nacional.

Constituído por 40 entrevistas a ex-presos políticos angolanos, moçambicanos, guineenses e cabo-verdianos dos anos de 60 e 70 (o período em que decorreu a guerra colonial), a criminosos de guerra portugueses, a pides e defensores do salazarismo, a sua leitura chega a ser perturbadora, tanto para entrevistadora e entrevistados (obrigando por vezes à sua interrupção, dada a comoção), como para quem a lê. É um desfiar de histórias de terror, de uma desumanidade e crueldade doentias,

inexplicáveis, que não são pontuais, mas sistemáticas, programadas, metódicas, onde se relatam casos de presos políticos mortos à porrada e à fome, em execuções sumárias, crucificados, com pregos espetados na cabeça, queimados vivos, etc., onde as formas de tortura não tem limites. É toda uma contabilidade macabra que ainda está por fazer, que aponta para dezenas de milhares de vítimas trucidadas nas prisões da polícia política e nos campos de concentração de Moçambique, Angola e Cabo Verde. E que desmente o mito do Portugal multiracial e correspondentes tretas lusotropicalistas que supostamente teriam feito do colonialismo português uma obra civilizacional, alheia aos crimes cometidos pelas colonizações espanhola, francesa, inglesa, holandesa, etc., mistificação tão querida ao salazarismo e à mentalidade portuguesa, agora democraticamente reciclada na expressão “encontro de culturas”.

Igualmente esclarecedor dos caminhos que posteriormente trilharam as ex-colónias portuguesas, do terror e da pressão a que foram sujeitas pelo imperialismo, são os relatos dos trágicos ajustes de contas e da desconfiança dos guerrilheiros em relação aos ex-presos políticos, geralmente vistos como traidores e colaboradores com o colonialismo, após a libertação nacional.

*António Barata*

## Deixem-me sair à rua

deixem-me sair à rua  
deixem-me estar ao sol  
deixem-me sonhar e ver o animal  
humano  
patrulhando as ruas armados de paz e  
amor.

deixem-me sair à rua  
deixem-me respirar.  
a cor da minha pele  
ou da minha etnia e religião  
ou da minha condição social e de  
cultura  
importa somente na mente senil dos  
fazedores de almas.

deixem-me sair à rua  
quero ser eu  
simplesmente eu  
eu criança – homem-mulher  
e não um animal acoçado, ou algemado  
e abandonado  
na imundice miséria de um cárcere ou  
de vala comum.

se me querem julgar  
não se desesperem, nem se sintam  
constrangidos  
preguem simplesmente o carácter da  
minha alma  
numa cruz do tamanho da dor humana  
meu corpo: acinte da dor humana  
vos libera  
mas deixem-me apenas sair à rua.

*Inácio Manuel Francisco*

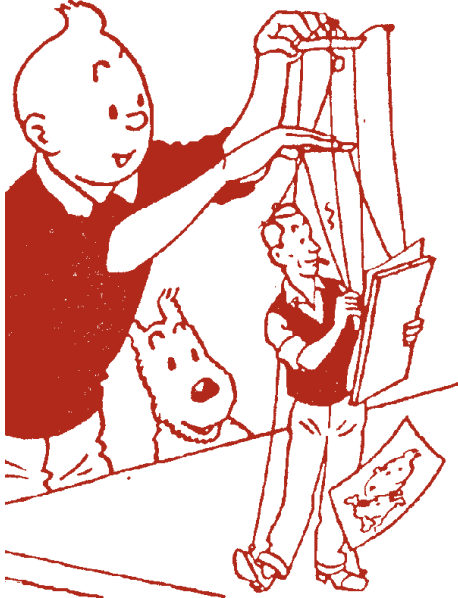
## FESTA DA DIVERSIDADE PRAÇA DO COMÉRCIO 13 A 15 JULHO

**Dia 13, das 19 às 24 horas**

**Dias 14 e 15, das 10 às 24 Horas**

**Música, Dança, Teatro, Animação de Rua,  
Debates, Oficinas, Gastronomia, Bancas,  
e muito mais...**

## Hergé



Um pouco por todo o mundo assinala-se o centésimo aniversário do nascimento de Hergé (de RG, nome artístico de Remy George), figura grande de um estilo de DB que ajudou a inventar, a “linha clara” – ausência de sombreados a preto, sendo as sombras representadas com uma outra cor –, e mundialmente conhecido por ter criado o herói de DB Tim Tim.

Sendo o seu talento incontestado, as comemorações estão a servir para mais uma vez se branquearem as suas simpatias pelo fascismo italiano e para o apagamento da colaboração com partidos e jornais nazis belgas, antes e durante a segunda guerra, razão pela qual foi denunciado como traidor. O seu reaccionarismo está bem documentado, graças às primeiras edições de Tim Tim e Milou, onde é evidente o seu anticomunismo e as suas simpatias pelo fascismo e pelo colonialismo, coisa que ele reconheceu nos anos 70, num arremedo de desculpa e justificação. Simpatias que obrigaram a que os seus trabalhos, nas edições posteriores à segunda guerra, fossem sucessivamente corrigidos.

Convém recordar, por exemplo, que *Tim Tim no país dos soviets*, editado em 1929, foi feito a pedido de um jornal fascista com o objectivo de denegrir a URSS; que *Tim Tim no Congo* assume a

defesa da “obra civilizacional” do colonialismo europeu (e do belga, em particular), não se inibindo o autor de usar linguagem racista e caricaturar os pretos como imbecis; que *A estrela misteriosa* faz a apologia da “nova ordem” de Hitler, onde os judeus são caricaturados com nariz grande, ecentuada pronúncia germânica e intentos tenebrosos; ou que o universo das suas estórias é misógino, um lugar só de homens, onde não há lugar para as mulheres.

**António Barata**

## África



Na imensa África do mundo imenso – túmulo do meu cordão umbilical – ser criança, viver as sua delícias e delicadezas, sentir no espírito o pulsar criativo da sua inocência, ainda é um sonho. Um sonho que tem sido desumanamente abortado pela bíblia de intenções e soluções mendigas, forjadas pelos construtores de almas da minha martirizada aldeia.

É a ambição pelo poder absoluto que lhes embacia a mente e lhes faz enxergar curto, a ponto de se intitularem de humanos, donos e únicos herdeiros universais de tudo do que há do mais belo na natureza.

Cuspo blasfémias? Cuspo sofismas? Se tendes olhos, então enxergai os recantos escuros do Sudão, da Etiópia, da Guiné-Bissau, de Angola, da África emendo do mundo imenso!

Enxergai a miséria prosperando aos pés de milhares e milhares de crianças, homens e mulheres! Enxergai as suas bocas escancaradas e à mercê das moscas!!!

Que seria desses restos humanos se as estrelas do céu azul não fossem mais que humanas.

**Inácio Manuel Francisco**

## O progressista domesticado

O meu anfitrião interceptou-me com o olhar. “Sabe quem ele é?”, perguntou com um sorriso. “Foi ideia da minha mulher. Ela nunca teria um canário ou coisa semelhante, na sala de visitas. É banal. Eis porque lhe arranjei um progressista vivo. Não tenha receio dele. Está domesticado”.

“É cá da terra. Durante anos foi bravo e chegou mesmo a causa alguns danos, mas depois foi sendo domado, razão porque o temos dentro de casa. Borda, toca balalaica e canta, mas por vezes parece que espera alguma coisa”.

“Talvez espere a liberdade, ou a acção...” Sugeriu com timidez. “Ao fim e ao cabo, é um progressista”.

“Ora, ora. Nunca ele esteve tão bem”, objectou o advogado. “Tem um tecto para se abrigar, comida garantida, paz, nada que o incomode. Treinamo-lo a comer sozinho, como pode constatar. Não é perigoso. Deixamo-lo ir às comemorações do *Dia Nacional* e do *Aniversário da Revolução*, para que faça algum exercício. Mas volta sempre. De qualquer modo, isto é uma terra pequena; não há onde se possa esconder”.

*In O elefante, de Slawomir Mrozeck, Polónia*

## CONTO

### Todjo, o andarilho - parte II

Clandestinamente pagara, com o pouco dinheiro que lhe restava, a travessia do estreito de Gibraltar num barquito superlotado que a meio do percurso se afundara, em consequência do mau tempo que agitara o mar naquela noite. Como escapara com vida no meio de cinquenta malogrados companheiros? Nunca contara a ninguém aquele episódio dramático.

De então para cá, comera o pão que o diabo amassou em Madrid, passando por Paris, antes de assentar arreais nas terras lusas. Onde, carecendo do título de residência, sobrevivera como biscateiro e enveredara pela formação profissional em electricidade e informática. Para quando regressasse à terra, autopromover-se-ia engenheiro electrimático, um neologismo que o próprio inventara para si. Uma vez que tivera na *tuga* dupla formação.

Pouco passava do meio-dia quando desembarcara em Bissau. O céu estava sombrio e começara a cair grossas gotas de chuva. Comprara um jornal num quiosque do aeroporto, e apanhara um táxi.

– Para onde, patrão? – Perguntara o condutor.

– Para Geba. – Respondera, Todjo.

A manchete era sobre a campanha eleitoral. Passara a vista

transversalmente por todas as notícias de que, no entanto, já tinha visto o essencial na TV e ouvido nalgumas rádios portuguesas, antes de embarcar no aeroporto de Lisboa. A sua capacidade de análise permitira-lhe descobrir para que lado dos dois candidatos se inclinava aquela publicação.

De súbito, a ansiedade tomara conta dele. Um misto de alegria e tristeza. Alegria, de rever dentro de algumas horas o “vovó Bali”, depois de dez anos de separação; e de tristeza, de nunca mais puder abraçar a “Dona Más”, que falecera há ano e meio, vítima de doença. Desde aquela altura, sempre que se recordava dela, e sobretudo, do facto de não poder assistir ao funeral da velha, lágrimas teimosas escorrem-lhe pela face.

– “Porquê o destino me vem pregando partidas tão dolorosas?”, interrogava-se.

Pôs-se, de novo, a passear pelo jornal, a fim de sair do estado tensão que o assaltara momentaneamente. Foi desta vez, ao passar por entrelinhas da secção de “classificados”, que um anúncio atraía sua atenção. Lia-se o seguinte em caixa:

“Família de bens, pretende cavalheiro sério para casar com a filha. Dá-se uma vivenda.

Informa-se junto do Sr. TB, em Gã-Corubal”.

O que acabara de ler, curiosamente, provocara uma explosão no seu coração. Fecha o jornal e, sem pensar duas vezes, diz:

– Ô amigo leva-me para Gã-Corubal.

– É para Geba ou Gã-Corubal? – Perguntara o motorista. – Chefe se mudar de destino, tem de pagar o dobro da tarifa.

– Pago a diferença. – Garantira. – Acelere...

Chegaram àquela localidade, o veículo foi estacionar à frente de um pequeno estabelecimento comercial. O tempo estava maravilhoso, as ruas regurgitavam de gente, e não fora difícil encontrar o local de proveniência daquele anúncio aliciante. Todjo comprara ali algum mantimento. E perguntara ao comerciante.

– Sr. TB? Ah, o Tal Beez! Vive três quilómetros ao sul daqui. – Respondera o homem apontando o caminho. – Sempre em frente, não tem nada de se enganar.

– Muito obrigado.

– A sua cara não me é familiar nesta banda. – Acrescentara o vendedor. – Suponho que veio por causa do anúncio.

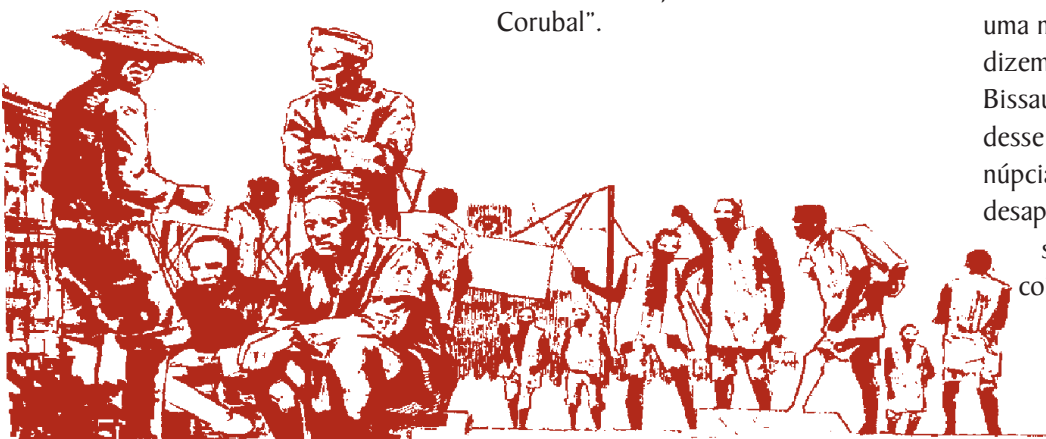
– Sim, porquê? – Lançara Todjo.

– Viste aquele sujeito. – Disse apontando para um homem sujo, vestido de farrapos, sentado debaixo de uma mangueira. – Chama-se N'tomy, dizem que fora um alto funcionário de Bissau. Há dois anos, casara com a filha desse senhor; após a primeira noite de núpcias enlouquecera-se e desaparecera. Há pouco tempo que

surgira, e não dizia mais coisa com coisa. Só repetia: “Bam! Bam! Bam!”.

(continua)

Ivo Katana





# Manifesto do colectivo de moradores de bairros periféricos da cidade de Lisboa

O Direito à Habitação continua a ser desrespeitado. Cada vez mais bairros estão sob a ameaça de serem demolidos e centenas de moradores de serem expulsos e ficarem a morar na rua.

Através da luta e organização dos moradores dos bairros atingidos pelas demolições o desrespeito pelo direito fundamental à habitação foi evidenciado e denunciado. No entanto os processos de demolição prosseguem e os moradores continuam a ser esquecidos. As políticas de habitação até hoje implementadas revelaram-se limitadas, injustas e discriminatórias. Essas políticas não são coerentes com a situação de precariedade laboral que

atravessa Portugal e que afecta a maioria da população, dificultando o acesso a uma habitação no exigente mercado privado.

## EXIGIMOS:

- que seja respeitado o direito à habitação para todos, consagrado no artigo 65 da Constituição da República Portuguesa;
- que a política de habitação se torne uma prioridade das políticas dos governos, e que hajam esclarecimentos pormenorizados sobre os programas de acesso à habitação;
- que parem as demolições arbitrárias enquanto o Estado não criar e aplicar

uma verdadeira política de habitação para todos;

- a intervenção do Estado na regulação do planeamento, da construção e do mercado de compra e aluguer de modo a permitir o acesso à habitação a todos os cidadãos;
- a penalização das casas/edifícios não utilizados. As casas devolutas devem ser incorporadas nas políticas de habitação.
- um espaço de discussão entre o governo e a sociedade civil na elaboração dos programas de habitação.

*Lisboa, Maio de 2007*



Sob o lema "Todos em Luta!", em Lisboa, Paris, Roma, Bruxelas, Sevilha e S. Paulo realizaram-se nos dias 11 e 12 de Maio protestos contra a especulação imobiliária, que está a ter consequências graves na vida de milhões de pessoas, excluídas pela ganância dos grandes interesses económicos do acesso a uma habitação digna e despejadas na rua ou para as periferias das grandes cidades. O apelo foi lançado pela Rede No-Vox, tendo sido acolhido no nosso país pela Associação Solidariedade Imigrante e um vasto grupo de representantes de moradores dos bairros pobres da periferia de Lisboa, que difundiram o manifesto acima parcialmente transcrito, e se juntaram frente a um edifício que se encontra a apodrecer à cerca de 20 anos na zona do Cais do Sodré, um exemplo vivo dos efeitos da especulação imobiliária.